

Hospitaleiro

Definir a função de hospitaleiro, mesmo para um peregrino acostumado ao Caminho, nunca será fácil. Podemos pesquisar através da história, conversar com outros peregrinos acerca deste assunto, procurar nos recantos da nossa memória, mas, esta nobre função é muito complexa e nunca poderá ser descrita como uma simples profissão ou ocupação porque é sempre mais do que isso. Ser hospitaleiro é, talvez, o exemplo mais próximo do ensinamento que Cristo nos deixou ao transformar a “Regra dourada “ de Confúcio numa nova máxima: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” ou seja: Vai e faz aos outros aquilo que gostarias que fizessem por ti. Ora, no seguimento deste pensamento, ser hospitaleiro, é fazer pelos outros aquilo de que mais sentiu falta no seu próprio Caminho.

No passado, a hospitalidade abrangia um campo de necessidades mais vasto do que na atualidade. Para além do acolhimento, o hospitaleiro tratava os feridos e enfermos, alimentava-os, aquecia-os e dava-lhes o melhor conforto possível para que pudessem descansar e recuperar das agruras da jornada. Por assim dizer, o albergue tinha as funções dos atuais hotéis e hospitais e o hospitaleiro era o médico, o enfermeiro, o psicólogo, o cozinheiro, o padre, enfim, aquele que se dedicava de alma e coração a servir o próximo. Tal como poderemos verificar no Evangelho de São Mateus: “Tive fome e deste-me de comer. Tive sede e deste-me de beber. Era forasteiro e acolheste-me.”

Na atualidade, alguns destes aspetos são tratados em locais específicos, mas, em contrapartida, o hospitaleiro tem outras preocupações que o Caminho moderno impõe, como a segurança, as normas de funcionamento do albergue, o apoio e informação que o peregrino necessita. Além disso, terá de conjugar os recursos e as condições existentes com as carências dos peregrinos, zelar pela higiene, preocupar-se com horários, informações generalizadas sobre os pontos de interesse da povoação onde o albergue está localizado, tais como restauração, saúde, farmácias, supermercados, etc.

Com a evolução do Caminho, o número de peregrinos aumentou de forma desproporcional com o aparecimento de novos voluntários levando à escassez de hospitaleiros, tendo algumas administrações de albergues da Junta da Galiza recorrido a funcionários do concelho. Como seria de esperar, a falta de algumas das qualidades acima descritas já deu para notar e, por vezes, sente-se a falta de acolhimento e entrega. Oxalá que este problema não se alastre e surjam novos hospitaleiros que possam colmatar a escassez. Porque, a um funcionário, nada mais podemos exigir do que o cumprimento da sua função. Mas, a um hospitaleiro, nada é necessário exigir. Ele acolhe, não recebe. Na realidade, o verdadeiro hospitaleiro quando abre a porta do albergue, abre também o coração. E sim, é verdade, é muito importante e fundamental dominar várias línguas com destaque para o inglês, mas, mais importante ainda, é o sorriso do acolhimento, a única língua universal.

Agostinho Leal

